



UFSM

Artigo Monográfico de Especialização

**A IMPORTÂNCIA DA PSICOMOTRICIDADE NUM CONTEXTO
ESCOLAR INCLUSIVO**

Rita de Cassia Brasil de Aquino

SANTA MARIA, RS, Brasil

2010

A IMPORTÂNCIA DA PSICOMOTRICIDADE NUM CONTEXTO ESCOLAR INCLUSIVA

por

Rita de Cassia Brasil de Aquino

Artigo apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Educação Especial.**

SANTA MARIA, RS, Brasil

2010

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Especialização em Educação Especial - Déficit Cognitivo e Educação de
Surdos**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo Monográfico de
Especialização

**A IMPORTÂNCIA DA PSICOMOTRICIDADE NUM CONTEXTO ESCOLAR
INCLUSIVO**

elaborada por
Rita de Cassia Brasil de Aquino

como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Educação Especial:
Déficit Cognitivo e Educação de Surdos

COMISSÃO EXAMINADORA:

Eliana da Costa Pereira de Menezes
(Presidente/Orientador)

Luciana Dalla Nora dos Santos

Sandra Scholl Rasador

**SANTA MARIA, RS, Brasil
2010**

RESUMO

Artigo de Especialização

Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

A IMPORTÂNCIA DA PSICOMOTRICIDADE NUM CONTEXTO ESCOLAR INCLUSIVA

AUTORA: RITA DE CASSIA BRASIL DE AQUINO

ORIENTADORA: ELIANA DA COSTA PEREIRA DE MENEZES

SANTA MARIA, RS.

O presente artigo tem como objeto de estudo a psicomotricidade, a partir da qual objetivou-se discutir a importância do desenvolvimento psicomotor na estruturação da aprendizagem escolar num contexto educacional inclusivo. Os dados foram obtidos através de observações realizadas nas práticas pedagógicas de duas escolas públicas estaduais do RS que possuem alunos com deficiência em processo de inclusão. A partir das análises das observações, procurei fazer uma relação da psicomotricidade com o processo de construção das aprendizagens dos alunos, tentando compreender como as habilidades motoras podem influenciar no desenvolvimento cognitivo e afetivo de alunos, especialmente aqueles que possuem déficit intelectual. Da análise aqui empreendida é possível destacar que são de extrema importância os sentimentos na fase do conhecimento do corpo da criança, pois um esquema corporal mal estruturado pode causar futuramente, certo desajustamento e falta de coordenação, tornando-a insegura e isso poderá desencadear uma série de reações negativas como: agressividade, mau humor, apatia; e o que às vezes parece ser algo tão simples, poderá originar sérios problemas de motricidade que serão manifestados através do comportamento. Cada vez mais encontro no âmbito da escola, crianças com conhecimento pobre de seu corpo. Para elas a representação e nomenclatura das diferentes partes do corpo são muitas vezes difíceis. Não localizam ou confundem essas partes. Não percebem a posição de seus membros e conseqüentemente seu desenho da figura humana torna-se pobre. Para os alunos em processo de inclusão esse conhecimento de seu corpo, por vezes é mais difícil ainda, pelo fato de apresentarem déficits cognitivos e dificuldade de abstração. Assim, ao tentar compreender como a psicomotricidade pode vir a auxiliar na aprendizagem dos alunos em uma escola que se abre para todos, procuramos discutir também como ela poderá contribuir com aqueles que não conseguem acompanhar os colegas e também auxiliar o próprio professor, que se for bem esclarecido e capacitado, terá condições para sanar muitas das dificuldades que aparecem na sala de aula, estando abertos às indagações e dúvidas, respeitando o ritmo de cada um, aspectos esses que podem também ser responsáveis pela efetivação de práticas inclusivas de qualidade para todos.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	5
2. PERCURSO METODOLÓGICO	7
3. REFERENCIAL TEÓRICO	9
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
5. REFERÊNCIAS	28

1. APRESENTAÇÃO

O presente artigo tem por finalidade apresentar uma pesquisa sobre psicomotricidade, cujo objetivo principal busca discutir a importância do desenvolvimento psicomotor na estruturação da aprendizagem escolar num contexto educacional inclusivo.

Como educadora especial, nos últimos anos, vivencio experiências profissionais em duas salas de recursos da rede estadual de ensino do RS, e nessas experiências pude observar durante os atendimentos com os alunos, problemas recorrentes de aprendizagem que, no meu entendimento, estão diretamente relacionados a dificuldades no alcance de condutas psicomotoras.

Principalmente no início do presente ano letivo, tenho visto que os professores das séries iniciais, estão um pouco confusos com a implantação do ensino de nove anos, em que as crianças estão sendo matriculadas com cinco anos na pré escola, e com seis anos no primeiro ano do ensino fundamental. Com relação a essas mudanças de idade e matrícula dos alunos, o aspecto que mais inquieta os professores diz respeito à necessidade de alfabetização ou não dos alunos no primeiro ano. Diante da dúvida, percebe-se que a maioria dos professores opta por começar a ensinar as crianças a ler e escrever, pois entendem que se tais alunos forem para o segundo ano sem essas habilidades desenvolvidas, serão considerados alunos que não sabem nada.

O que me preocupa com relação a essa situação é, principalmente, o fato de que em função da necessidade de desenvolvimento desses processos de leitura e escrita as atividades desenvolvidas com os alunos que possuem cinco anos e que hoje são matriculados nos primeiros anos do ensino fundamental acabam privilegiando o desenvolvimento cognitivo dos alunos em detrimento dos aspectos sócio-afetivos e psicomotores. Parece-me que nós esquecemos que as crianças se caracterizam por serem extremamente ativas e que, por isso, necessitam de atividades que lhe deem prazer, nas quais possam gastar energias, desenvolvendo assim as questões psicomotoras. Escuto de colegas, “o fulaninho não sabe pegar no lápis para escrever”, “a

fulaninha troca “p” por “b”, “ele não consegue pintar dentro do limite” e pergunto a elas, vocês praticam algum tipo de atividade motora fora da sala de aula com seus alunos? Umas respondem não, outras dizem que levam na pracinha uma vez por semana. Mas isto é trabalhar a psicomotricidade?

Então devido ao fato de sentir que a escola como um todo deve olhar de uma maneira diferente para o desenvolvimento da educação psicomotora, principalmente com aqueles alunos que apresentam necessidades educacionais especiais, resolvi fazer esta pesquisa a fim de que possa contribuir para que os colegas professores vejam o quanto é importante desenvolver em seus pequenos as habilidades motoras.

Nesse sentido, tendo como intenção, discutir como a educação psicomotora pode auxiliar o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, especialmente aqueles em processo de inclusão escolar, o presente artigo encontra-se estruturado partir da abordagem dos seguintes tópicos: psicomotricidade; educação psicomotora; distúrbios psicomotores, o jogo, brinquedo e brincadeira; aprendizagem; e finalmente a relação entre inclusão escolar e psicomotricidade. Tais aspectos serão agora apresentados e discutidos.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Como educadora especial trabalho em duas escolas estaduais em dois municípios diferentes, uma escola localizada em Cacequi, onde atuo na sala de recursos há seis anos e a outra localizada no município de Júlio de Castilhos, também atuando numa sala de recursos há dois anos. Em função de minha proximidade com esses dois espaços educacionais e, principalmente, em função de ambas as escolas desenvolverem suas práticas pedagógicas dentro da perspectiva inclusiva, justifica-se a eleição dessas escolas para a realização da presente pesquisa.

Na escola Marechal Hermes de Cacequi, o processo de inclusão já vem sendo estudado e trabalhado a mais de dez anos, sendo que é a única escola que tem a sala de recursos legalizada. Dez anos parecem tanto tempo, mas para a inclusão, pode-se dizer que ainda é o início, pois infelizmente vejo práticas segregadoras por parte de alguns colegas professores, que querem e escolhem alunos “limpinhos”, “quietinhos”, homogêneos. Nessa escola fiz observação das atividades de duas turmas: uma de primeiro ano e outra de segundo ano, ambas as turmas possuem alunos com deficiência mental em processo de inclusão.

Em Júlio de Castilhos na escola Dolores Paulino, a sala de recursos também funciona a mais de dez anos e também fiz observações em duas turmas, uma de primeiro ano e outra de segundo ano, onde tem alunos inclusos com diagnóstico de deficiência mental.

Procurei realizar o trabalho de observação em classes em que houvessem alunos inclusos, mais precisamente os que são atendidos na sala de recursos, pelo fato da minha formação ser em educação especial com habilitação em deficiência mental.

Em ambos os espaços educacionais o instrumento elegido como central para a coleta dos dados foi à observação, pois entendo que através dela tenho condições de conhecer e analisar as relações estabelecidas entre professores e alunos de forma contextualizada. Ainda coletei informações em conversas

informais com as professoras (entre as duas escolas conversei com três professoras, que atuam em sala de aula a mais de vinte e cinco anos), registrando os dados coletados em um diário de pesquisa. Tais dados foram analisados a partir de uma abordagem qualitativa de pesquisa, tendo como foco discutir a importância do desenvolvimento psicomotor na estruturação da aprendizagem escolar num contexto educacional inclusivo, como veremos na continuidade do trabalho.

3. DISCUTINDO QUESTÕES REFERENTES À PSICOMOTRICIDADE

A Psicomotricidade é a ciência que tem como objeto de estudo o homem através do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo, bem como as suas possibilidades de perceber, atuar, agir com o outro, com os objetos e consigo mesmo. Está relacionada ao processo de maturação, onde o corpo é a origem das aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas (S.B.P., 1999).

As atividades psicomotoras, como resultantes de estudos científicos, podem ser consideradas como ações a serviço da educação. Cuidam do movimento, ao mesmo tempo em que põem em jogo as funções intelectuais e afetivas. Nesse sentido, entende-se que estudar a psicomotricidade é estudar aspectos bem diferenciados da coordenação geral, isto é, do desenvolvimento da coordenação estática e da coordenação dinâmica, ou seja, da coordenação que se realiza parado ou em movimento, respectivamente.

A coordenação dinâmica (geral e manual) resulta da ação simultânea de grupos musculares diferentes e necessários à execução de movimentos voluntários de variada complexidade. A coordenação dinâmica será manual. Quando envolver os movimentos das mãos. Se estes são associados à visão, tem-se então, a coordenação viso-manual, de natureza dinâmica.

É um engano confundir a educação psicomotora com educação física, através da ginástica, porque neste também se trabalham os grandes músculos. A ginástica tem seus próprios objetivos, direcionados ao movimento em si, mas com prioridade no desenvolvimento físico. O professor de educação física pode ser um psicomotricista, desde que use o movimento dos grandes músculos para o desenvolvimento intencional da coordenação dinâmica geral, envolvendo corpo, mente e vontade. É importante salientar que a psicomotricidade consiste na integração entre o psiquismo e o corpo, de modo a permitir que o indivíduo perceba este último e domine seus movimentos para melhorar sua expressão corporal.

Barreto (1997) ao analisar a psicomotricidade discorda do fato de que ela seja uma ciência, abordando-a antes como uma técnica, utilizada pela ciência da motricidade humana. Nessa perspectiva pode-se compreender a psicomotricidade como uma área de conhecimento que se utiliza de outras áreas (neurologia, educação física, pedagogia, psicanálise, psicologia e linguística) com a finalidade de educar ou reeducar o indivíduo de forma global, ou seja, o ser que pensa o ser que age e o ser que se comunica.

O psicomotricista procura ver o corpo nos seus aspectos neurofisiológicos, anatômicos e locomotores, coordenando-se e sincronizando-se no espaço e no tempo, para transmitir e receber significados e significantes. Dentro desta abordagem, Prista (1993) afirma que a psicomotricidade é o relacionamento através da ação, como um meio de tomada de consciência, da união corpo/mente e, integração a si, ao outro e ao meio em geral.

Segundo Dupré apud Barreto (1997), a psicomotricidade é a “solidariedade original e profunda entre o pensamento e ação, assim como o sentimento e a personalidade de todo o sujeito”. De acordo com Coste (1981), “Psicomotricidade é uma ciência onde se encontram vários pontos de vista: sociais, afetivos, biológicos, psicológicos, psicanalíticos, educacionais, neurológicos e motrizes”. Como se pode perceber, esta é uma área bastante ampla, Barreto (1997), procura demonstrar que a psicomotricidade não possui matriz epistemológica. Estando dentro da motricidade humana como área de conhecimento.

Nesse sentido, considerando então a psicomotricidade a partir dessas diversas concepções, entende-se que as atividades desenvolvidas na educação psicomotora devem visar o desenvolvimento dos seguintes processos: vivenciar estímulos sensoriais discriminando partes do próprio corpo e exercendo um controle adequado sobre elas; vivenciar o corpo como um todo, pois este é o referencial primeiro em nossa relação conosco, com os outros, com os objetos, a organização espaço-temporal; vivenciar situações que levem à aquisição dos pré-requisitos básicos necessários a uma boa iniciação ao cálculo, à leitura e à escrita; vivenciar a tensão/relaxamento, visando à aquisição de um melhor ajuste tônico; vivenciar melhor seu próprio

corpo, adquirindo assim, uma melhor imagem corporal tendo isso como requisitos indispensáveis a um bom equilíbrio psicossomático.

Para que estes processos possam ser ativados se faz necessário saber que, na primeira infância, a motricidade e psiquismo estão intimamente ligados. Os desenvolvimentos motores, intelectuais e afetivos encontram-se no ser humano indissociável.

De acordo com Santos (1992), nossa educação nos ensina muita coisa, porém, pouco a nosso próprio respeito. O atual sistema de ensino costuma deixar a desejar, por ministrar atividades recreativas e de educação física, ou de sala de aula, de maneira estanque, separadas das outras disciplinas, principalmente, da educação artística. O desenvolvimento global da criança só é possível por meio de uma educação psicomotora, que trabalhe em uma só atividade, aspectos cognitivos, afetivos e motrizes.

O desenvolvimento global da criança se dá por meio do movimento consciente. Atualmente, a educação psicomotora é o sustentáculo de toda a aprendizagem futura do sujeito. No que diz respeito à alfabetização, pode-se que o problema central não está só nos métodos existentes, mas sim, na falta de prontidão e de maturação da criança (má estruturação espacial, má estruturação temporal, pobre vocabulário motor – devido ao grande tempo passado em frente ao aparelho de TV – má estruturação do esquema corporal, etc.). A questão não está só no método usado, mas sim, na maneira de como se utiliza o método. Se ficar preso ao método e não aproveitar a necessidade de movimento da criança, ela não vai desenvolver as condições básicas indispensáveis à boa alfabetização e a boa relação eu/outro, eu/objetos e eu/mundo.

EDUCAÇÃO PSICOMOTORA

Segundo Barreto (1997), a educação psicomotora é o movimento realizado como atividade do organismo, expressando a personalidade no seu todo. A ação é vivida no seu desenvolvimento para uma meta exterior (movimento) ou interior (relaxação), visando fornecer as chamadas

aprendizagens instrumentais (cálculo, escrita e leitura) e a normalização das condutas.

De acordo com Lapierre & Aucouturier (1984), a relação psicomotora é a única possível, antes do aparecimento da linguagem e permanece como um fator determinante, durante, os primeiros anos. De acordo com os autores citados ele não é privilégio dos especialistas: realmente alguns pais e educadores “sabem”, adotar uma atitude mais liberal, mais carregada de afetividade e de contatos corporais. Esses pais e educadores compreendem o desejo da criança, ou seja, o desejo de estar em contato, corpo a corpo com o “outro”.

A educação psicomotora é a educação da criança através do seu próprio corpo e de seu movimento, levando em consideração idade, a cultura corporal, a maturação e os interesses da criança. A passagem de um nível inferior para outro superior é feita de maneira gradativa e levando em consideração o ritmo individual e a cultura corporal.

A educação psicomotora atua de forma preventiva, evitando dificuldades tão comuns a alfabetização tais como a falta de concentração, troca de letras e sílabas, confusão no reconhecimento das palavras, no todo ou em sua divisão silábica, durante a leitura, escrita espelhada, letra ilegível, dificuldade de passagem do plano vertical para o horizontal, etc. A educação psicomotora deve ser ministrada de maneira multidisciplinar, ou seja, de comum acordo com todas as disciplinas e não somente nas horas vagas, como é comum acontecer na maioria das escolas. A educação psicomotora utiliza, de maneira mais ou menos uniforme, as funções motoras, cognitivas, perceptivas, afetivas e sociomotora.

Conforme Barreto (1997), o intelecto se constrói a partir do movimento, já que este coloca em jogo, se o professor souber utilizá-lo, uma gama de percepções e a integração mente e corpo, ou seja, facilita a expressão do ser total. Se dada à criança a oportunidade de se movimentar livremente e em atividades orientadas (atividades percepto-motoras, principalmente), estará estimulando a circulação sanguínea, ajustando a respiração e, portanto, levando mais oxigênio ao cérebro. Como se sabe o cérebro se alimenta de

oxigênio, afeto, glicose e informações. Especificamente no caso de alunos com déficit intelectual qualquer tipo de atividade motora, é essencial que seja desenvolvido no contexto escolar, pois vai propiciar a aquisição de novos conhecimentos. Se há casos de crianças com problemas de adaptação e agressividade, este trabalho vai ajudar muito para tentar sanar e até mesmo resolver tais problemas. Acredita-se que a educação psicomotora é capaz de favorecer a oxigenação e a aquisição de informações ao mesmo tempo, através de movimentos que levem em consideração a afetividade.

Portanto a educação psicomotora permite à criança, explorar seus limites proporcionando-lhe experiências concretas indispensável ao seu desenvolvimento intelectual e global. É através dessa exploração que a criança é capaz de tomar consciência de si mesma e do mundo que a cerca. A liberdade de explorar o mundo da qual faz parte e ser ajudada, quando for realmente necessário, é de extrema importância para o desenvolvimento afetivo da criança.

DESENVOLVIMENTO MOTOR

Segundo Le Boulch (1985),

O desenvolvimento motor é o resultado da maturação de certos tecidos nervosos, aumento em tamanho e complexidade do sistema nervoso central, crescimento dos ossos e músculos. São, portanto comportamentos não aprendidos que surgem espontaneamente desde que a criança tenha condições adequadas para exercitar-se.

A maturação é um dos fatores que interfere no crescimento e no desenvolvimento físico da criança. Ainda que o ritmo de desenvolvimento varie de indivíduo para indivíduo, o aparecimento do conjunto de sinais internos que governa a maioria dos padrões de crescimento segue a mesma sequência para todas as crianças, inclusive para aquelas que apresentam algum tipo de deficiência.

Todas as sequências básicas do desenvolvimento físico que provocam mudanças (no peso e na altura, nas proporções do corpo, da estrutura óssea,

dos músculos, do sistema nervoso e hormonal) atuam em conjunto para que ocorra um processo denominado desenvolvimento motor. O desenvolvimento motor é a parte visível do desenvolvimento físico. É impossível separar gênese da motricidade da maturação nervosa: a evolução da motricidade é paralela às possibilidades maturativas; isto é, o desenvolvimento do controle motor depende basicamente do desenvolvimento neurológico.

Dando continuidade a atividade fetal, o desenvolvimento motor da criança, principalmente durante os primeiros anos, acompanha duas tendências básicas da organização neuro-motora: realiza-se da cabeça para a parte inferior do corpo – tendência céfalo-caudal – e do tronco para as extremidades tendência próximo distal. As leis do desenvolvimento céfalo-caudal e próximo distal permitem perceber a evolução significativa do controle do córtex cerebral, que assegura a coordenação de vários grupos musculares.

No recém nascido a movimentação é praticamente uma descarga de energia muscular, esperneios, paradas bruscas, gestos incoordenados, automativos, aspectos esses decorrentes da intensa hipertonia inicial, e basicamente relacionados a duas vivências principais da criança – bem-estar e mal-estar. Através dessa ação motora, inicia-se sua comunicação com o mundo e com o outro. À medida que se desenvolve, pouco a pouco, a criança torna-se capaz de realizar movimentos isolados e cada vez mais independentes, até adquirir a possibilidade de usar apenas uma parte de seu corpo para sua sustentação, liberando seus membros superiores e utilizando-os como instrumento de exploração do meio externo, quando então seu movimento passa a adquirir significado e representatividade.

Além da hereditariedade – existe uma herança genética quanto às características físicas e biológicas de desenvolvimento – o ambiente também interfere no desenvolvimento infantil.

Essa intervenção tem como objetivo possibilitar condições para que a criança realize sua comunicação com o mundo de forma segura, a partir da receptividade e da atividade do adulto. A criança deverá ter disponibilidade para agir num meio ambiente material e relacional que lhe sejam favoráveis.

A impossibilidade da ação corporal, provocada por uma doença prolongada, assim como aspectos inadequados de nutrição interferem negativamente no desenvolvimento e crescimento infantil.

Segundo Pikler apud Vayer (1985) a liberdade à criança é condição básica para que esta adquira a consciência de si mesma e do ambiente. A presença do adulto deve satisfazer a necessidade infantil de verbalização, de esclarecimento frente à curiosidade, de aceitação de regras sociais, mas não deve intervir na atividade física da criança. Segundo a autora,

[...] a intervenção do adulto durante os primeiros estágios do desenvolvimento motor não é condição prévia para a aquisição desses estágios – isto é, ficar de bruços, sentar-se, ficar de pé, caminhar – pois, em condições ambientais favoráveis, a criança por si própria, por sua própria iniciativa, através de movimentos de boa qualidade e bem equilibrados, chega regularmente a virar-se de bruços, depois passando pelo rolar, pelo rastejar, pelo engatinhar, chega a sentar-se e ficar de pé. Na comunicação criança-mundo, o adulto deve ter a coragem de substituir seu desejo da criança. E o desejo da criança se traduz através da ação, motivada pela tendência natural de atualização, própria de todo ser vivo.

A criança nasce com as condições anatômicas e físicas, e se realiza através da evolução, sofrendo influências ambientais e, especialmente relacionais. A instituição família e a instituição escola tendem a forçar a criança a inserir-se numa sociedade. É o mundo dos adultos que lhe é imposto. E, muitas vezes, a maneira como a criança assimila esse mundo não corresponde à maneira como o adulto dele se utiliza.

ESQUEMA CORPORAL

O esquema corporal é o elemento básico para a formação da personalidade da criança e se desenvolve devido a uma progressiva tomada de consciência de seu corpo e de suas possibilidades, na relação com o meio ambiente em que vive.

Vayer (1984) afirma:

Todas as experiências da criança (o prazer e a dor, o sucesso ou o fracasso) são sempre vividas corporalmente. Se acrescentarmos valores sociais que o meio dá ao corpo e a certas partes, este corpo termina por ser investido de significações sentimentais e de valores muito particulares e absolutamente pessoais.

Vê-se, portanto, que o corpo não é somente algo biológico e orgânico, mas também expressa emoções e está cheio de significados que são adquiridos através da relação da criança com o meio. Esses valores, aos quais Vayer se refere, influenciarão na formação do esquema corporal e principalmente na imagem corporal. Para Moraes (1988) e Santos (1987), a imagem é “uma impressão que se tem de si mesmo, subjetivamente”, e o esquema corporal

[...] resulta de experiências que possuímos, provenientes do corpo e das sensações que experimentamos. Por exemplo, andar, sentar-se, segurar o lápis e caneta de modo correto, com equilíbrio e movimentos coordenados depende de uma ação adequada do esquema corporal. O esquema corporal, portanto, regula a postura do equilíbrio.

É através do corpo que a criança irá descobrir o mundo, experimentar situações, expressar-se, perceber-se e perceber as coisas que a cercam. À medida que a criança se desenvolve quanto mais o meio permitir, ela vai ampliar as suas percepções e controlar seu corpo através da interiorização das sensações. Com isto ela vai conhecer seu corpo e ampliar as suas possibilidades de ação. O corpo é, portanto, “o ponto de referência que o ser humano possui para conhecer e interagir com o mundo”. Ele serve de base para o desenvolvimento cognitivo, para a aquisição de conceitos que se referem ao tempo e ao espaço, para um maior domínio de seus gestos e harmonia de movimentos.

A noção de esquema corporal, de modo geral, representa a experiência que cada um tem de seu corpo, quando em movimento ou parado, em relação com o meio. É consciente, um simples movimento depende de seu esquema corporal.

O desenvolvimento do esquema corporal é a representação que cada pessoa tem de seu corpo, permitindo-lhe situar-se na realidade da qual faz

parte. Esta representação forma-se a partir de dados sensoriais múltiplos proprioceptivos, exteroceptivos e interoceptivos.

DISTÚRBIOS PSICOMOTORES

É importante salientar que a psicomotricidade consiste na integração entre o psiquismo e o corpo, de modo que o indivíduo perceba este último e domine seus movimentos para melhorar a sua expressão corporal.

Caso as noções de corpo não sejam desenvolvidas, poderão ocorrer vários problemas que influenciarão na vida da criança, principalmente nas aprendizagens escolares, Fonseca (1983) revela que sem um verdadeiro conhecimento do corpo e do seu investimento sobre o mundo dos objetos e das pessoas, não se atinge, conseqüentemente a linguagem. Vayer (1986) cita alguns problemas que poderão existir caso não haja o desenvolvimento das noções de corpo.

- Transtornos da atitude: hábito postural adquirido durante o desenvolvimento biopsicológico da criança:
 - Paratonia e sincinesia: atividade (gestos) mal controlados pela criança, ligados a função tônica;
 - Lateralidade: mal desenvolvida acarretará em transtornos de estruturação espacial e dificuldades nas aprendizagens da escrita, leitura e ditado;
 - E outros problemas como: instabilidade, incoordenação, torpeza, fobias, apatia, autismo, tiques, agressividade, rejeições, etc.

Fonseca (1983) explica a importância da lateralidade em relação ao desenvolvimento infantil, dizendo que a má lateralização está estreitamente ligada a dificuldades instrumentais caracterizadas por sinais de imperfeição e lentidão motoras, dislexia, disortografia, gagueira, problemas de estruturação temporal, espacial, etc. poderá acontecer uma desorganização motora,

resultado de insuficientes determinações laterais, que por sua vez deverá implicar em problemas práticos (eficiência motora, ajustamento espacial, etc.).

Le Boulch (1987) revela que uma criança hiperativa apresenta distúrbios de atenção e de controle e deverá apresentar atraso escolar. Todavia, se a prática da educação psicomotora for precoce, poderá ajudar na solução deste problema. As reeducações dirigidas somente a este problema (hiperatividade), embora sirva de elemento complementar, são menos fundamentais do que a prática diária de um trabalho psicomotor integrado a atividade escolar normal. O problema fundamental é o desequilíbrio entre suas reações impulsivas e suas possibilidades de inibição.

De Meur & Staes (1984) descrevem alguns problemas ou dificuldades mais específicas da escolaridade. Eles dizem que o problema está no nível básico e não no nível da classe que chegaram. Os elementos básicos ou “pré requisitos” para a aprendizagem constituem a estrutura da educação psicomotora.

Segundo eles:

- Um esquema corporal mal constituído significa que a criança não coordena bem os movimentos. Ela é lenta para se vestir, nas habilidades manuais, a escrita é feia. A leitura expressiva não é harmoniosa (gesto após a palavra), e a criança não mantém o ritmo da leitura ou para no meio da palavra;

- Caso a lateralidade não esteja definida, a criança apresenta problemas de ordem espacial, não percebe a diferença entre o lado dominante e o outro, não distingue entre direita e esquerda e é incapaz de seguir a direção gráfica (esquerda à direita). Não reconhece a ordem em um quadro (não sabe colocar corretamente uma data ou título no caderno);

- Os problemas de percepção espacial fazem com que as crianças não distinguem um “b” de um “d”, um “p” de um “q”, “21” de “12” – caso não percebam a diferença esquerdo-direita. Caso não consigam distinguir alto e baixo, confundem “b” e o “q”, o “n” e o “u”, o “ou” e o “on”;

- Problemas quanto à orientação temporal e espacial, por exemplo, noção de antes e depois, acarretam confusão na ordenação dos elementos da sílaba. A criança sente dificuldades em reconstruir uma frase cujas palavras encontram-se misturadas;

- A má organização espacial ou temporal acarreta fracasso em matemática, pois para calcular a criança deve ter pontos de referência, colocar os números corretamente, possuir noção de “fileira” e de “coluna”. Deve conseguir combinar as formas para fazer construções geométricas.

De Meur & Staes (1984) dizem que o professor ao analisar os erros dos alunos, geralmente descobrirá as causas nas lacunas precipitadas (noções não desenvolvidas) e nas perturbações psicomotoras. Podem-se amenizar estas perturbações baseando-se suas aulas na manipulação ou fazendo regularmente exercícios psicomotores nas diversas atividades.

Fonseca (1983) afirma que

todas as dificuldades são consequência de uma deficiência de adaptação psicomotora, que engloba problemas de desenvolvimento psicomotor, de dominância lateral, de organização espacial, de construção práxica (construção, realização) e de estabilidade emotivo-afetiva, que se podem projetar em alterações do comportamento da criança.

Ele ainda conclui que as aprendizagens do grafismo, do cálculo e da linguagem, estão ligadas à evolução das possibilidades motoras. Só a partir de certo nível de organização motora, de uma coordenação fina de movimentos e de uma integração vivida espaço-temporal se pode caminhar para as aprendizagens escolares.

Segundo De Meur & Staes (1984), a psicomotricidade estuda o desenvolvimento motor e o atraso intelectual. Estuda a relação entre a motricidade e a lateralidade e estruturação espacial e a orientação temporal por um lado e, por outro, as dificuldades escolares de crianças de inteligência dita

normal e aquelas que apresentam necessidades educacionais especiais. Estuda também as relações existentes entre o gesto e a afetividade.

O JOGO, BRINQUEDO, BRINCADEIRA

O JOGO é uma atividade que faz parte da vida do ser humano e é fundamental para seu desenvolvimento.

O jogo caracteriza-se como uma atividade competitiva, envolvendo regras aceitas pelo grupo, permeada pela tensão e o prazer, onde a fantasia e a realidade se misturam.

Existem jogos específicos para diferentes fases do desenvolvimento do ser humano, que variam de acordo com o grau de complexidade e motivação.

O jogo deve permitir a existência da improvisação e da troca de papéis, através das quais o participante é solicitado em sua capacidade de criação, o que muitas vezes, o coloca num espaço de incerteza e tensão. Frente ao imaginário, o participante é levado a caminhar, abstratamente, para uma situação de interpretação pessoal da realidade.

Ao contrário do que muitas pessoas pensam apesar do jogo ser uma atividade lúdica, a situação do jogo é extremamente séria, apresentam regras que envolvem fadiga e tensão, o que, em muitos casos, leva os principiantes ao esgotamento. O jogo envolve o ser como um todo, solicitando a busca de um equilíbrio entre o mundo da fantasia e o da realidade, que vai influenciar diretamente no desenvolvimento da personalidade.

Para a criança, o jogo apresenta-se como um espaço de preparação para o mundo do trabalho, do qual futuramente ela terá que fazer parte. É comum a afirmação de que a criança não gosta de trabalhar, mas na verdade, o que ela não gosta é de realizar as tarefas, nas quais não vê uma finalidade visível. Nas situações de jogo, ela desenvolve uma tarefa, um trabalho, e pode obter o resultado num tempo relativamente curto.

O adulto já tem esta possibilidade de buscar os resultados num prazo maior, pois consegue ver a longo prazo, dando significado a tarefas diversas, que muitas vezes parecem sem sentido para uma criança que observa a situação.

Através das atividades motoras, o ser humano tem a possibilidade de identificar o próprio corpo, de vivenciar a sua existência.

A BRINCADEIRA é uma atividade lúdica, sem caráter competitivo, com NORMAS definidas de acordo com a necessidade do momento, e que variam de acordo com os interesses individuais ou do grupo, sendo a FANTASIA o seu principal componente.

As brincadeiras devem proporcionar atividades de exploração de novas situações para os obstáculos que se apresentam e oferecer situações diversas para o desenvolvimento da motricidade.

O BRINQUEDO é um objeto utilizado para brincar, podendo ser industrializado ou construído artesanalmente, ou qualquer objeto que sirva para esta finalidade.

As indústrias modernas apresentam brinquedos adequados a cada faixa etária, entretanto, estas indicações devem servir como orientação para sua utilização e nunca como fator limitante. Um brinquedo definido como adequado para uma criança de três anos pode ser muito bem utilizado por uma criança de sete, desde que atendidas as suas necessidades, uma vez que, provavelmente, as duas utilizarão o mesmo brinquedo de forma diferente.

Vê-se então, que o jogo, o brinquedo e a brincadeira devem ser adaptados a cada necessidade, visando a atender diferentes situações, principalmente, para que não se corra o risco de vê-los transformarem-se em mais uma barreira a ser superada.

APRENDIZAGEM

As características humanas dependem do convívio social. O convívio social cria as condições para o aparecimento da consciência. Através da aprendizagem, a criança vai construindo o significado das suas ações e experiências. Com o uso da linguagem os significados ganham maior abrangência, dando origem a conceitos, ou seja, significados compartilhados por grande parte do grupo social.

Dabas apud Rubinstein (1999), diz que aprendizagem é o processo pelo qual um sujeito, em sua interação com o meio, incorpora a informação oferecida por este, segundo suas necessidades e interesses.

A aprendizagem se dá seguindo a mesma sequência, tanto para alunos ditos normais quanto para os alunos com necessidades educacionais especiais. Todas as crianças se desenvolvem obedecendo aos mesmos estádios, podendo haver, no entanto, defasagens ou alterações nas idades para cada fase.

A aprendizagem dos alunos com deficiência mental se desenvolve de modo semelhante, com algumas peculiaridades. Uma delas é referente ao seu dinamismo, o processo de desenvolvimento é mais lento. Convém ressaltar que alguns fatores interferem no desempenho da capacidade de aprendizagem; o envolvimento emocional e outros aspectos de âmbito psicológico, tais como, a capacidade de resistir a frustrações, o empenho, o auto conceito, além de outros fatores que dependem da atitude do meio social como a valorização, o nível de expectativa e exigência externa.

Através da aprendizagem, a pessoa se apropria ativamente da produção humana, se constrói e constrói o mundo.

Essa maneira de pensar a aprendizagem é recente. As teorias sobre a aprendizagem se basearam e continuam sendo baseadas na concepção, no conhecimento que se tem do homem num determinado momento histórico.

A expectativa que se tem sobre o comportamento está intimamente relacionada com a concepção que se tem de sujeito. Assim, quando se olhava

a criança como um adulto em miniatura, esperava-se que seu comportamento não fosse significativamente diferente, em função de suas características físicas, emocionais, cognitivas e sociais, do comportamento dos adultos.

A teoria de aprendizagem também está ligada à concepção da natureza do homem. A concepção sobre natureza moral e natureza da ação do estudante determina o tipo de ação pedagógica a ser implantada.

Conforme Bigge (1977), por natureza moral do homem entende-se ser o mesmo basicamente mau, bom ou neutro, isto é, nem bom nem mau.

O desenvolvimento da criança começou a ser estudado no século XX. Na sociedade pré-industrial (séc.XVIII), a criança, ainda que protegida e cuidada pelos pais, logo que seu desenvolvimento físico fosse assegurado – por volta dos sete anos – passava a conviver com os adultos. A família até então, não tinha sentimentos que unisse emocionalmente seus membros. A socialização, aprendizagem de valores e costumes, se realizava em situações de trabalho, jogos, na vida em comum das crianças com os adultos.

A ideia de infância surge com o sentimento de família e com a educação escolar. A família, de hoje, começou a estruturar-se a partir do século XVIII, em função das necessidades da organização capitalista. O sentimento de família e de infância teve origem no mesmo processo que desenvolveu o sentimento de classe social (ARIÈS, 1978).

Uma vez retirada do convívio social (no trabalho, nos jogos, nas festas) a criança na sociedade capitalista, passa a ter uma condição social: é marginalizada econômica, social e politicamente, tornando-se uma consumidora dos bens produzidos pelos adultos.

A instituição encarregada de iniciar a passagem da criança vinda do meio familiar para a vida social adulta passou a ser a escola.

Esta visão de infância se reflete na pedagogia. Para a pedagogia tradicional a criança precisa ser ensinada (normas e conteúdos). Seu objetivo era transmitir uma cultura geral e humanística, de caráter enciclopédico. Para a pedagogia nova, a criança ingênua e boa, precisa ser favorecida, protegida e

respeitada no seu desenvolvimento que é natural e espontânea. A ênfase é na capacidade do indivíduo.

Para Barreto (1997), a aprendizagem é a modificação de atitudes e comportamentos; busca de informações; aquisição de habilidades; adaptação às mudanças e aquisição de conhecimentos. Com as palavras citadas anteriormente o autor faz indiretamente uma relação da aprendizagem com a psicomotricidade. Pois é através da vivência; da exploração; experimentos; descobertas; manipulação e a percepção que a criança tem de seu corpo, é que ela vai poder se integrar, organizar-se, modificando assim, hábitos e sentimentos negativos.

Todas estas práticas são de extrema importância no processo ensino-aprendizagem, principalmente no que diz a alfabetização e aprendizagem daqueles alunos com necessidades educacionais especiais, já que este é um dos grandes problemas do nosso sistema escolar e é um grande desafio para o professor modificar este sistema.

RELAÇÃO ENTRE INCLUSÃO ESCOLAR E PSICOMOTRICIDADE

A criança que apresenta necessidades educacionais especiais apresenta peculiaridades em seu desenvolvimento intelectual e apresentará em maior ou menor intensidade alguma das funções cognitivas deficientes, e cabe ao professor organizar medidas de apoio que superem essas dificuldades identificadas, interagindo ativamente com estas crianças, a fim de estimular, valorizar suas ações, respeitar sua individualidade e promover seu desenvolvimento.

Neste processo de inclusão a responsabilidade do professor é maior, e este processo amplia as experiências de aprendizagens, importantes para o crescimento das crianças que apresentam necessidades educacionais especiais. É preciso ficar claro também, que sozinho não se chega a lugar algum, este professor precisa ser ouvido, precisa que alguém responda suas inquietações, e o auxilie neste trabalho.

Quando se fala em inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais em sala de aula do ensino comum, fala-se em recursos. Um dos recursos mais importantes, sem dúvida é a presença de um professor de apoio que irá trabalhar com o professor da sala de aula, com o aluno e com a comunidade escolar, e outra ferramenta que também é muito importante para o processo de inclusão e muitas vezes são esquecidas no processo de ensino e aprendizagem, é a utilização da psicomotricidade. A psicomotricidade não vai resolver todos os problemas encontrados na sala de aula, principalmente no que diz respeito à inclusão, é apenas um meio de auxiliar o aluno a superar as suas dificuldades e prevenir possíveis inadaptações.

O indivíduo não é feito de uma só vez, mas se constrói, gradativamente, através da interação com o meio e de suas próprias realizações e a psicomotricidade desempenha aí um papel fundamental.

A educação psicomotora pode ser vista como *preventiva*, na medida em que dá condições à criança de se desenvolver melhor em seu ambiente. É vista como *reeducativa* quando se trata de indivíduos desde o mais leve retardo motor até problemas mais sérios. *É um meio de imprevisíveis recursos para combater a inadaptação escolar*, diz Fonseca (1983, p.38).

A maneira como o professor consegue entrar no mundo da criança, assume um papel muito importante. O educador precisa demonstrar carinho e aceitação integral do aluno como ele é, levando em conta as suas necessidades especiais, para que este passe a confiar mais em si mesmo e consiga expandir-se e equilibrar-se.

Ele pode auxiliar seu aluno a tomar consciência de seus próprios bloqueios e procurar suas origens e, principalmente, realizar exercícios adequados para um bom desempenho de seu esquema corporal.

Portanto, construir uma ligação entre psicomotricidade e inclusão, pressupõe superar as alternativas clínicas, uma vez que, no atual contexto escolar, onde as verbas são cada vez mais restritas, não se pode chamar uma equipe multidisciplinar para diagnosticar as dificuldades e as necessidades

especiais apresentadas por cada aluno e ao mesmo tempo “obriga” o docente a sair da comodidade e buscar novas alternativas para incluir todos os alunos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a investigação realizada no decorrer do trabalho, pode-se constatar que nas relações entre psicomotricidade e inclusão, a educação psicomotora ainda é um grande desafio para os professores.

Devido à grande diversidade dentro do contexto escolar, há alunos que conseguem assimilar o que é transmitido pelo professor, com maior facilidade e outros que demoram a compreender, este é o caso de alunos especiais que tem dificuldades de abstração e déficit cognitivo. Por isso que a escola está necessitando de uma reforma na sua estrutura. O professor deverá desempenhar um grande papel, principalmente porque ele está em permanente contato com a criança, pois, muitas vezes, passa mais tempo com ela do que os próprios pais. Suas atividades em sala de aula são de extrema importância para prevenir muita das dificuldades encontradas.

Ele precisa dar-se conta do fato que muitas crianças que chegam até a escola não progredem de forma homogênea, pois possuem ritmos diferentes.

As habilidades psicomotoras necessárias para o ensino da leitura e escrita nem sempre estão desenvolvidas. Cabe ao professor auxiliar seus alunos neste sentido antes mesmo de iniciar qualquer aprendizagem.

Infelizmente muitos professores se preocupam mais com os rótulos do que com as soluções e acabam provocando evasões escolares e ou os alunos são “gentilmente” convidados a matricularem-se em escolas especiais, onde são discriminados como preguiçosos, sem força de vontade, e acabam sendo rotulados como “crianças problema”, sendo fadados ao fracasso escolar; tornando-se adultos sem perspectiva de um futuro melhor e incapazes de exercer sua cidadania.

Para muitos indivíduos aprender pode ser um desafio. Isso não significa necessariamente que ele tenha alguma dificuldade de aprendizagem ou motora, significa apenas que qualquer pessoa tem seus pontos fortes e fracos na assimilação do conhecimento. Algumas têm uma grande capacidade de ouvir, adquirindo muitas informações simplesmente ouvindo, outros têm mais facilidade com o visual, aprendem melhor lendo. O que implica é quando é

oferecida para o aluno uma forma de aprendizagem, que às vezes é justamente aquela na qual ele tem dificuldade.

Por isso que as atividades psicomotoras são, importantes, principalmente para as crianças que estão sendo incluídas, devido as suas necessidades e características que lhe são peculiares. A linguagem que a criança entende é a da ação sobre o mundo e não abstrata e verbal.

Portanto, pais e professores e quaisquer pessoas que participam do dia-a-dia da criança e do processo de educação inclusiva, devem estar esclarecidos da grande relevância das atividades psicomotoras para que tenha um bom desenvolvimento nas aprendizagens escolares.

Por fim, é importante salientar aos professores, que não existe um modelo ideal de inclusão, existe aquele professor que acredita no seu aluno, que todo indivíduo é capaz, basta darmos a oportunidade para que estas capacidades sejam desenvolvidas.

5. REFERÊNCIAS

AIRÈS, P. *História Social da Criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

BARRETO, Sidirley de Jesus. *Picomotricidade: educação e reeducação*. Blumenau: Oabrizzi, 1997.

BIGGE, M.L. *Teorias de Aprendizagem para professores*. São Paulo: EPU, 1977.

BOULCH, Jean Le. *O desenvolvimento psicomotor, do nascimento aos 6 anos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

COSTE, Jean-Claude. *A psicomotricidade*. Trad. de Álvaro Cabral, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

DE MEUER, A. & STAES, L. *Psicomotricidade – Educação e Reeducação*. Trad. de Ana Maria Galuban e Setsuko Ono, São Paulo: Editora Manole Ltda., 1984.

FONSECA, Vitor da. *Psicomotricidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

LAPIERRE, André & AUCOUTURIER, Bernard. *Fantasmas corporais e prática psicomotora*. São Paulo: Manole, 1984.

MORAIS, A. *Distúrbios de Aprendizagem: Uma Abordagem Psicopedagógica*. SP: EDICON, 1988.

OLIVEIRA, Gislene de Campos. *Educação e Reeducação num enfoque psicopedagógico*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

PICA, L. & VAYER, P. *Educação psicomotora e retardo mental*. São Paulo: Manole, 1985.

PRISTA, Rosa Maria. *Superdotados e psicomotricidade: um resgate à unidade do ser*. Dissertação (Mestrado) – Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

SANTOS, C. *Dislexia Específica da Evolução*. SP: Savier, 1987.